



O modelo de igreja-salão na espacialidade da arquitectura portuguesa da Idade Moderna¹

Marco Sousa Santos | CEAACP - Universidade de Coimbra

O termo igreja-salão, derivado do alemão *hallenkirchen*, designa um templo com três ou mais naves cuja cobertura é formada por abóbadas que se elevam à mesma altura. É, portanto, uma *família* de edifícios à qual se reconhece inegável originalidade estrutural e espacial, desde logo porque a introdução deste modelo configura um momento de rutura com o multissecular sistema basilical, no qual a nave central se elevava acima das laterais. O sistema-salão apresenta-nos, portanto, uma renovada conceção do espaço de culto, mais unificada e económica, na qual se empregam recursos técnicos como o rebaixamento das abóbadas, o sistema de adintelamento ou as intituladas *palmeiras de pedra* para criar um sistema de cobertura inovador.

No total, existem em território nacional vinte e duas igrejas-salão, todas fundadas no século XVI. Em relação à distribuição geográfica, estes edifícios concentram-se na região sul do país, sobretudo no Alentejo, apesar de existir um núcleo trasmontano com três exemplares. O modelo chega a Portugal no dealbar da centúria de Quinhentos e é pela primeira vez utilizado na igreja do mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, que D. Manuel I funda para servir de Panteão aos Avis-Beja. D. João III recupera o modelo e aplica-o nas catedrais das recém-criadas dioceses de Miranda, Leiria e Portalegre, mas é no período sebástico, em pleno processo contrarreformista, e numa lógica de standardização alicerçada em princípios de simplicidade funcional de raiz militar, que se assiste à fundação da maioria das igrejas-salão portuguesas.

1. Tese de doutoramento em curso e coorientada pela Prof. Doutora Maria de Lurdes Craveiro e pelo Prof. Doutor José Eduardo Horta Correia.



Figura 1 - Uma das *palmeiras de pedra* da igreja-salão de Pavia (c.1513-c.1534). Foto do autor.



Figura 2 (página anterior) - Nervuras e pedra de fecho de uma das abóbadas da nave da igreja- salão de Arronches (c.1516-c.1542). Foto do autor.

Figura 3 (à direita) - Mísula numa das naves laterais da igreja-salão da Luz de Tavira (c.1548-c.1568). Foto do autor.



No que respeita à encomenda das igrejas-salão construídas em território nacional, parece de salientar o papel desempenhado nesse âmbito pelo monarca, nomeadamente por intermédio das comendas das Ordens militares, e pela hierarquia eclesiástica, num entrecruzar concertado de universos e poderes em que figuras como o cardeal-Infante D. Henrique cumprem um papel central, confiando-se os *riscos* e conceção destes exigentes projetos a arquitetos e mestres da esfera cortesã, tais como João de Castilho, Miguel de Arruda ou Afonso Álvares, entre outros.

Em termos formais, o que surpreende no conjunto das igrejas-salão portuguesas, e não é tão evidente nas congéneres europeias, é a versatilidade que o modelo demonstra a nível planimétrico e arquitetónico, e o modo como os seus elementos evoluem de modo a assimilar o vocabulário clássico e, depois, os princípios da arquitetura *chã*, sem negar a sua matriz medieval.

Figura 4 (página seguinte) - Capitel da igreja-salão de Santo Antão, em Évora (c.1548-c.1577). Foto do autor.





Figura 5 (à esquerda) - Interior da catedral de Portalegre (c.1550). Foto do autor.

Figura 6 (página seguinte) - Interior da igreja-salão de Safára (c. 1551-1603). Foto do autor.







Figura 7 (página anterior) - Contrafortes da igreja-salão de Santa Maria do Castelo, em Olivença (c.1574-c.1627). Foto do autor.

Figura 8 (em cima) - Cruz da Ordem de Avis no remate do portal axial da igreja-salão de Borba (c.1556-c.1595). Foto do autor.

Bibliografia

CORREIA, José Eduardo Horta; “A arquitetura - Maneirismo e Estilo Chão”, in *História da Arte em Portugal - o Maneirismo*, Publicações Alfa, 1993, Lisboa.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes; A arquitetura “ao romano”, in *Arte Portuguesa - da pré-história ao século XX*, volume 9, Fubu Editores, 2009, Lisboa.

DIAS, Pedro; “A arquitetura manuelina”, in *Arte Portuguesa - da pré-história ao século XX*, volume 5, Fubu Editores, 2009, Lisboa.

KUBLER, George; A arquitetura portuguesa chã - entre as especiarias e os diamantes (1521-1706), Nova Vega, 2005 (1ª edição de 1972), Lisboa.

MOREIRA, Rafael; “Arquitetura: Renascimento e Classicismo”, in *História da Arte em Portugal*, volume 2, Editora Temas e Debates, 1995, Lisboa.

PEREIRA, Paulo; *Arte portuguesa - História essencial*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011, Lisboa.